

# SEMANASCOPIO

de tudo um pouco, dos 7 dias que passaram...

O cronista não apareceu no último domingo, porque foi passar a semana no Rio e assistir à fuga de Jânio. Só a tranquilidade do barco no mar, a milhas e milhas e milhas da terra, dava ao presidente eleito a certeza de poder, como qualquer cristão, dormir, andar só, olhar o céu, não ouvir vozes. E o embarque tinha de ser super-secreto. Muita gente não acredita, mas a verdade é esta: se alguém soubesse que Jânio embarcaria para a Europa no "Aragon", haveria de aparecer dezenas de políticos viajando para o Velho Mundo no mesmo navio, até em camarotes vizinhos, tudo por simples coincidência. O mistério evitou as coincidências. E o homem pôde ir embora e usufruir — porque também tem direito — essa mesma e doce tranquilidade em que se encontra o mal. Duffles Lott.

Em Londres, o magrinho terá contactos com os grandes grupos financeiros ingleses. Não foi à toa que, no governo de São Paulo, ele liquidou todas as dívidas do Estado na Inglaterra, inclusive uma, cuja última prestação se venceria depois do ano de dois mil. Jânio pagou tudo adiantado, com descontos. Seu governo ganhou celebridade naqueles meios. Agora lá vai ele colher o fruto da semente lançada há quatro anos. Crédito na Inglaterra, significa crédito na Europa toda. Crédito na Europa toda significa uma séria libertação da esfiante área capitalista dos Estados Unidos".

Aíás, ali nos Estados Unidos, a ala imperialista da Wall Street está passando um apuro inédito em sua história: pela primeira vez um candidato a presidente, completamente doido (porque se levantou contra tudo o que os EE. UU. tem feito no exterior) ameaça ganhar estourado as eleições. O JK deles continua firme: acha que está tudo errado e que o Tio Sam precisa dar um banho de sauna na reumática política externa norte-americana. Parece que o povo concorda e tudo indica que Kennedy será barbada. Quem está contente é Mickey Rooney.

Enquanto isto, o mundo, na sexta-feira, foi abalado pela notícia de que Krutchev havia sido deposto. Malenkov era o novo homem forte do regime vermelho. Houve certo pânico nos principais centros do mundo: Malenkov significa a guerra. Mas vieram os desmentidos: Krutchev continuava com o poder na mão, enquanto passava no mar Negro. Por uns instantes, contudo, pode-se medir a preferência que o mundo ocidental tem por Krutchev: o baixinho não aterroriza ninguém. O negócio dele é fazer carnaval, soltar foguete quando vai à conferência de cúpula, fazer discursos, dar entrevistas, xingar e pedir desculpas, ser manchete de jornais em várias línguas. Mas, no fundo, Krutchev tem medo da guerra, medo que faz muito bem à sua saúde e à nossa.

Quem anda meio desesperado é Fidel Castro. O jogo inicial de chamar atenção dos EE. UU. através de atitudes exageradas, não produziu efeitos. E nem poderia produzir, se o governo republicano é especialista em fabricar inimigos. Quando Fidel acenou com um namorado para a Rússia, julgou que os Estados Unidos concordassem em reiniciar negociações com Havana. Washington continuou impassível, Fidel levou o namorado mais a sério. Washington não se moveu. O pobre barbudo sofreu um ataque e começou a quebrar a casa. Confiscou tudo o que havia de americano na ilha, prendeu gente, soltou, esbravejou e parou para ouvir. Washington permaneceu imóvel.

Por isto, Fidel iniciou a campanha de "Invasão de Cuba". Quem conhece de perto o estado psicológico em que se encontram os cubanos, pode entender bem as razões de Fidel Castro. Com os insucessos da política externa do governo, o povo poderia dividir-se e passar a discutir, nas ruas, o motivo do fracasso. A revolução poderia sofrer com isto. Para manter o povo unido em torno do governo é preciso uni-lo em torno da pátria. A ameaça de invasão da ilha tem servido a Fidel, várias vezes, para manter o povo coeso e disposto a morrer pela defesa do solo.

Desta vez, a campanha foi mais forte, seguida de uma enorme importação de armas soviéticas. Os norte-americanos trataram de fortalecer a base de Guantanamo, por via das dúvidas. Se não houver invasão alguma, Fidel terá que arranjar outra história para excitar o povo e mantê-lo ao lado de sua luta. Salvo se a vitória de Kennedy mudar o curso das coisas. A revolução maravilhosa de Castro e a comovente esperança do povo cubano não podem ser jogadas ao mar. Cuba precisa ser salva. E é tão fácil: é uma questão de pediatria política.

Enquanto isto, em S. Paulo, continua, sem nenhuma possibilidade de ser desatado tão já, o nó das encrucilhadas políticas. Nesta semana, Emílio Carlos esteve preparando a maioria dos líderes janistas para um pronunciamento conjunto em favor de sua candidatura

mente, delicada. No fundo, o problema é financeiro, é salarial. Quanto a este aspecto tenho a impressão que haverá solução. Hoje à tarde, apesar de domingo, o governador vai recebê-los em Palácio. E isto será acertado. Quanto à filiação no sindicato dos marítimos, parece não haver sustentação legal. Se a aspiração profissionalmente parece justa, não o é perante a lei do país. O servidor público não pode, como categoria profissional, ser sindicalizado. A culpa não é do governo do Estado e nem do povo, se a lei foi feita assim. Existe há muito tempo. Aqueles servidores, por isto, podiam rever suas reivindicações, pelo menos quanto a este ponto, para que não sustentem um movimento ilegal. Chamou a atenção deles — e principalmente do pessoal do Forum Sindical — para o parecer jurídico que sobre o caso A TRIBUNA publica hoje em outro local desta edição. Parece-me que este documento traz alguma luz sobre a controvérsia legal e poderá orientar as posições a serem tomadas a partir da próxima semana.

A rapaziada de Expedito, ensacadores e carregadores, voltou ao serviço, satisfeito com o acordo conseguido: 38,5% de aumento. A isto é que se pode chamar de um trabalho expedito.

A reação popular contra os preços da carne tem sido tão eficiente que alguns marchantes e frigoríficos (no interior) já estão se vendendo em apuros. O povo, simplesmente, parou de comprar carne. É tal o número de pessoas que, todos os dias, deixam de procurar os açougues, que o movimento parece uma campanha organizada. Em S. Paulo, o preço baixou 10 cruzeiros em consequência da falta de procura. E baixará mais ainda.

A semana teve em Santos grande movimentação política. Ao contrário do zum-zum havido por aí na última semana e nos primeiros dias desta, as forças janistas de Santos encontram-se perfeitamente unidas. Sucede que os entendimentos políticos, promovidos por essas forças, desenvolveram-se discretamente, sem grandes alaridos, interessadas que estão na melhor solução para os destinos da cidade. Eis, em resumo, os principais fatos políticos da semana, que culminam, praticamente, com a definição do panorama sucessório municipal:

1) As forças janistas, representadas pelos partidos e pelos elementos apartidários que elegeram o presidente da República, foram autorizadas pelo governador Carvalho Pinto a possibilitar um entendimento com o prefeito de Santos, objetivando a escolha de um nome comum para a sucessão do sr. Sílvio Fernandes Lopes.

2) Não houve, por parte dos janistas, nenhuma objeção à tese do acordo com o prefeito, já que se visava a melhor solução para o município. Passou-se à parte prática dos trabalhos: os nomes.

O prefeito exigiu que o nome salsse de sua equipe. Os janistas concordaram e a maioria apontou o nome de Mário Covas Junior, sugerido pelo deputado Athiê Jorge Coury. Nenhuma dificuldade mais havia quanto ao nome. Mário Covas é da equipe do Sílvio, engenheiro jovem, grandemente trabalhador, integrado na atual administração e, por isso, de confiança do prefeito. Por outro lado, Mário Covas tem a confiança dos janistas, porque ele pessoalmente também é um janista roxo.

Sílvio levou o nome de Mário Covas à consideração de sua equipe política. Foi vetado por uma grande área. Lutou-se para que o veto não fosse definitivo e para que a composição das forças ainda se tornasse possível. Nos últimos dias da semana, o deputado Rubens Ferreira Martins deu a palavra final: o PSP só fará acordo em torno de um nome: Afílio Filho. A partir deste instante, Sílvio agarrou-se mais ainda à candidatura de La Scala. O problema no situacionismo municipal agravou-se e mudou de rumo: já não mais se tratou de acordo, tratou-se somente de saber se La Scala vencerá ou não a convenção de seu partido, o PSP. O grupo de Rubens Ferreira Martins não aprova o nome do diretor de obras e, por isto, Rubens lançou-se a si próprio como candidato.

Quando as coisas estavam neste pé na área do prefeito, Sílvio comunicou às forças janistas que a possibilidade de acordo estava desfeita e que somente o tempo poderá dizer se ainda haverá ou não tal chance.

Diante disto, as forças janistas promoveram duas amplas reuniões, uma na segunda-feira, na residência do deputado Athiê Jorge Coury e outra, ontem, na residência do sr. José Carlos Junior. Nesta última, estiveram presentes apenas os presidentes de partidos. Decidiram eles, então, indicar um nome para ser o candidato de luta das forças janistas. A escolha deu-se democraticamente, embora ainda dependa da ratificação dos respectivos diretórios e convenções partidárias. Athiê Jorge Coury obteve a maioria na indicação por legendas. Indicaram o deputado os seguintes partidos: UDN, Ação Socialista, PDC e dissidência do PSD. O PR absteve-se